

TEMA 24. (I) A Unção dos Doentes

Para um cristão, a doença e a morte podem e devem ser meios para se santificar e redimir com Cristo. Para isto contribui a Unção dos Doentes.



PDF: A Unção dos Doentes

1. A Unção dos Doentes, sacramento de salvação e de cura

Natureza deste sacramento

A Unção dos Doentes é um sacramento instituído por Cristo, insinuado como tal no Evangelho de S. Marcos (cf. *Mc* 6,13), recomendado e promulgado aos fiéis pelo Apóstolo S. Tiago: «Algum de vós está doente? Chame os presbíteros da Igreja e que estes orem sobre ele, unguendo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o aliviará; e, se tiver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados» (*Tg* 5,14-15). A Tradição viva da Igreja, reflectida nos textos do Magistério eclesial, reconheceu neste rito, especialmente destinado a confortar os doentes e a purificá-los do pecado e de suas sequelas, um dos sete sacramentos da Nova Lei [1].

Sentido cristão da dor, da morte e da preparação para bem morrer

No Ritual da Unção dos Doentes, o sentido da doença do homem, dos seus sofrimentos e da morte compreendem-se à luz do desígnio salvador de Deus, mais concretamente, à luz do valor salvífico da dor assumida por Cristo, o Verbo Encarnado, no mistério da sua Paixão, Morte e Ressurreição [2]. O Catecismo da Igreja Católica apresenta uma concepção similar: «Pela sua paixão e morte na cruz, Cristo deu novo sentido ao sofrimento: desde então este pode configurar-nos com Ele e unir-nos à sua paixão redentora» (*Catecismo*, 1505). «Cristo convida os discípulos a seguirem-no, tomando a sua cruz (cf. *Mt* 10,38). Seguindo-O, eles adquirem uma nova visão da doença e dos doentes» (*Catecismo*, 1506).

A Sagrada Escritura indica uma estreita relação entre a doença, a morte e o pecado [3]. Mas seria um erro considerar a doença como um castigo pelos pecados pessoais (cf. *Jo* 9,3). O sentido da dor do inocente só se alcança à luz da fé, crendo firmemente na Bondade e na Sabedoria de Deus, na sua Providência amorosa e contemplando o mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, graças à qual foi possível a Redenção do mundo [4].

Ao mesmo tempo que o Senhor nos ensinou o sentido positivo da dor para realizar a Redenção, quis curar a multidão de doentes, manifestando no seu poder sobre a dor e a doença, a sua potestade para perdoar os pecados (cf. *Mt* 9,2-7). Depois da Ressurreição envia os Apóstolos: «Em meu nome... não de impor as mãos aos doentes, e estes ficarão curados»: *Mc* 16, 1 7-18) (cf. *Catecismo*, 1507) [5].

Para um cristão, a doença e a morte podem e devem ser meios para se santificar e redimir com Cristo. A Unção dos Doentes ajuda a viver estas realidades dolorosas da vida humana com sentido cristão: «Na Unção dos Doentes, como agora chamam à Extrema Unção, assistimos a uma amorosa preparação da viagem, que terminará na casa do Pai» [6].

2. A estrutura do signo sacramental e a celebração do sacramento

Segundo o *Ritual da Unção dos Doentes*, a matéria apta do sacramento é o azeite ou, em caso de necessidade, outro óleo vegetal [7]. Este azeite deve ser benzido pelo bispo ou por um presbítero que tenha essa faculdade [8].

A Unção administra-se unguendo o doente na fronte e nas mãos [9]. A fórmula sacramental usada no rito latino para administrar o sacramento da Unção dos Doentes é a seguinte: «*Per istam sanctam Unctionem*

et suam piissimam misericordiam adiuvet te Dominus gratia Spiritus Sancti. Amen./ Ut a peccatis liberatum te salvet atque propitius allevet. Ámen». (Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos. Ámen) [10].

Como recorda o *Catecismo da Igreja Católica*, «é muito conveniente que seja celebrada durante a Eucaristia, memorial da Páscoa do Senhor. Se as circunstâncias a tal convidarem, a celebração do sacramento pode ser precedida pelo sacramento da Penitência e seguida pelo da Eucaristia. Enquanto sacramento da Páscoa de Cristo, a Eucaristia deveria ser sempre o último sacramento da peregrinação terrestre, o “viático” da “passagem” para a vida eterna» (*Catecismo*, 1517).

3. Ministro da Unção dos Doentes

O ministro deste sacramento é unicamente o sacerdote (bispo ou presbítero) [11]. É dever dos pastores instruir os fiéis sobre os benefícios deste sacramento. Os fiéis (em particular, os familiares e os amigos) devem animar os doentes a chamar o sacerdote para receber a Unção dos Doentes (cf. *Catecismo*, 1516).

Convém que os fiéis tenham presente que no nosso tempo tende-se a “isolar” a doença e a morte. Nas clínicas e nos hospitais modernos, os doentes graves morrem frequentemente na solidão, embora se encontrem rodeados de outras pessoas numa “unidade de cuidados intensivos”. Todos – em particular os cristãos que trabalham em ambientes hospitalares – devem fazer um esforço para que não falem aos doentes internados os meios que dêem consolo e alívio ao corpo e à alma do que sofre. Entre esses meios – além do sacramento da Penitência e do Viático – encontra-se o sacramento da Unção dos Doentes.

4. Sujeito da Unção dos Doentes

O sujeito da Unção dos Doentes é qualquer pessoa baptizada, que tenha alcançado o uso da razão e se encontre em perigo de vida face a uma doença grave, ou por velhice acompanhada de avançada debilidade senil [12]. Aos defuntos não se pode administrar a Unção dos Doentes.

Para receber os frutos deste sacramento requer-se do sujeito a prévia reconciliação com Deus e com a Igreja, pelo menos com o desejo, inseparavelmente unido à intenção de se confessar, quando for possível, no sacramento da Penitência. Por isso, a Igreja prevê que, antes da Unção, se administre ao doente o sacramento da Penitência e da Reconciliação [13].

O sujeito deve ter a intenção, pelo menos habitual e implícita, de receber este sacramento [14]. Dito de outro modo: o doente deve ter a vontade, não retratada, de morrer como morrem os cristãos e com os auxílios sobrenaturais que lhes estão destinados.

Embora a Unção dos Doentes se possa administrar a quem já tenha perdido os sentidos, há que procurar que se receba com conhecimento, para que o doente se disponha melhor a receber a graça do sacramento. Não se deve administrar àqueles que permanecem obstinadamente impenitentes em pecado mortal manifesto (cf. *CDC*, cân. 1007).

Se um doente, que recebeu a Unção dos Doentes, recupera a saúde pode, no caso de nova doença grave, tornar a receber este sacramento; e, no decurso da mesma doença, o sacramento pode ser reiterado caso a doença se agrave (cf. *CDC*, cân. 1004, 2).

Por fim, convém ter presente esta indicação da Igreja: «No caso de dúvida sobre se o doente alcançou o uso da razão, se sofre de uma doença grave ou já faleceu, administre-se o sacramento» (*CDC*, cân. 1005).

5. Necessidade deste sacramento

A recepção da Unção dos Doentes não é necessária como necessidade de meio para a salvação, mas não se deve prescindir voluntariamente deste sacramento, se é possível recebê-lo, porque o contrário seria rejeitar um auxílio de grande eficácia para a salvação. Privar um doente desta ajuda poderia constituir um pecado grave.

6. Efeitos da Unção dos Doentes

Enquanto verdadeiro e próprio sacramento da Nova Lei, a Unção dos Doentes transmite ao cristão a graça santificante; além disso, a graça sacramental específica da Unção dos Doentes tem como efeitos:

- A união mais íntima com Cristo na sua Paixão redentora, para o seu bem e de toda a Igreja (cf. *Catecismo*, 1521-1522; 1532).
- O consolo, a paz e o ânimo para vencer as dificuldades e os sofrimentos próprios da doença grave ou da fragilidade devida à velhice (cf. *Catecismo*, 1520; 1532).
- A libertação das relíquias do pecado e o perdão dos pecados veniais, bem como dos mortais no caso do doente se ter arrependido mas não tenha podido receber o sacramento da Penitência (cf. *Catecismo*, 1520).
- O restabelecimento da saúde corporal, se tal for a vontade de Deus (cf. Concílio de Florença: *DS* 1325; *Catecismo*, 1520).
- A preparação na passagem para a vida eterna. Neste sentido, afirma o *Catecismo da Igreja Católica*: «Esta graça é um dom do Espírito Santo, que renova a confiança e a fé em Deus, e dá força contra as tentações do Maligno, especialmente a tentação do desânimo e da angústia da morte (cf. *Tg* 5, 15)» (*Catecismo*, 1520).

Ángel García Ibáñez

Bibliografia básica

Catecismo da Igreja Católica, 1499-1532.

Leituras recomendadas

João Paulo II, Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, 11-II-1984.

P. Adnès, *L'Onction des malades. Histoire et théologie*, FAC-éditions, Paris 1994, pp. 86 (trad. it.: *L'Unzione degli infermi, Storia e teologia*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo (Milano) 1996, pp. 99.

F.M. Arocena, *Unción de enfermos, Diccionario de Teología*, Eunsa, Pamplona 2006, pp. 983-989.

Notas

[1] Cf. *DS* 216; 1324-1325; 1695-1696; 1716-1717; *Catecismo*, 1511-1513.

[2] Cf. Ritual da Unção dos Doentes, *Praenotanda*, 1-2.

- [3] Cf. *Dt* 28,15; *Dt* 28,21-22; *Dt* 28,27; *Sl* 37 (38),2-12; *Sl* 38 (39),9-12; *Sl* 106 (107),17; *Sb* 2,24; *Rm* 5,12; *Rm* 5,14-15.
- [4] «Cristo não só Se deixa tocar pelos doentes, como também faz suas as misérias deles: “Tomou sobre Si as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças” (*Mt* 8, 17) (...). Na cruz, Cristo tomou sobre Si todo o peso do mal (cf. *Is* 53,4-6) e tirou “o pecado do mundo” (*Jo* 1, 29), do qual a doença não é mais que uma consequência» (*Catecismo*, 1505).
- [5] A dor, em si, não salva nem redime. Só a doença vivida na fé, na esperança e no amor de Deus, só a doença vivida em união com Cristo, purifica e redime. Então, Cristo salva-nos não da dor, mas na dor, transformada em oração, num “sacrifício espiritual” (cf. *Rm* 12,1; 1 *Pe* 2,4-5), que podemos oferecer a Deus unindo-nos ao sacrifício Redentor de Cristo, atualizado em cada celebração da Eucaristia para que nós possamos participar nele.
- Além disso, convém considerar que «entra dentro do plano providencial de Deus que o homem lute ardentemente contra qualquer doença e procure solícitamente a saúde, para que possa continuar a desempenhar as suas funções na sociedade e na Igreja, de tal modo que esteja sempre disposto a completar o que falta à Paixão de Cristo para a salvação do mundo, esperando a libertação na glória dos filhos de Deus (cf. *Cl* 1,24; *Rm* 8,19-21)» (*Ritual da Unção dos Doentes*)
- [6] S. Josemaria, *Cristo que Passa*, 80.
- [7] Cf. *Ritual da Unção dos Doentes*, *Praenotanda*, n. 20; Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 73 Paulo VI, Const. Ap. *Sacram Unctionem Infirmorum*, 30-XI-1972, AAS 65 (1973) 8.
- [8] Cf. *Ritual da Unção dos Doentes*, *Praenotanda*, 21. Neste documento indica-se também, de acordo com o *CDC*, cân. 999, que qualquer sacerdote, em caso de necessidade, pode benzer o óleo para a Unção dos Doentes, mas dentro da celebração.
- [9] Cf. *Idem*, *Praenotanda*, 23. Em caso de necessidade, bastaria fazer uma só unção na frente ou noutra parte conveniente do corpo (cf. *Ibidem*).
- [10] *Ritual da Unção dos Doentes*, *Praenotanda*, n. 25; cf. *CDC*, cân. 847,1; *Catecismo*, 1513. Esta fórmula pronuncia-se de modo que a primeira parte se diz enquanto se unge a frente e a segunda enquanto se ungem as mãos. Em caso de necessidade, quando só se pode dar uma unção, o ministro pronuncia simultaneamente a fórmula inteira (cf. *Ritual da Unção dos Doentes*, *Praenotanda*, n. 23)
- [11] Cf. *CDC*, cân. 1003,1. Nem os diáconos nem os fiéis leigos podem administrar validamente a Unção dos Doentes (cf. *Congregação para a Doutrina da Fé*, *Nota sobre o ministro do sacramento da Unção dos Doentes*, «*Notitiae*», 41 (2005) 479).
- [12] Cf. Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 73; *CDC*, cân. 1004-1007; *Catecismo*, 1514. A Unção dos Doentes não é um sacramento para os fiéis que estão na chamada “terceira idade” (não é um sacramento para reformados), nem sequer é um sacramento para moribundos. No caso de uma operação cirúrgica, a Unção dos Doentes pode administrar-se quando a doença, que motiva a operação, pode pôr em perigo a vida do doente.
- [13] Cf. Concílio Vaticano II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 74.
- [14] A este propósito, diz o *CDC*: «Deve-se administrar este sacramento aos doentes que, quando estão na posse das suas faculdades, o tenham pedido pelo menos de forma implícita» (cân. 1006).